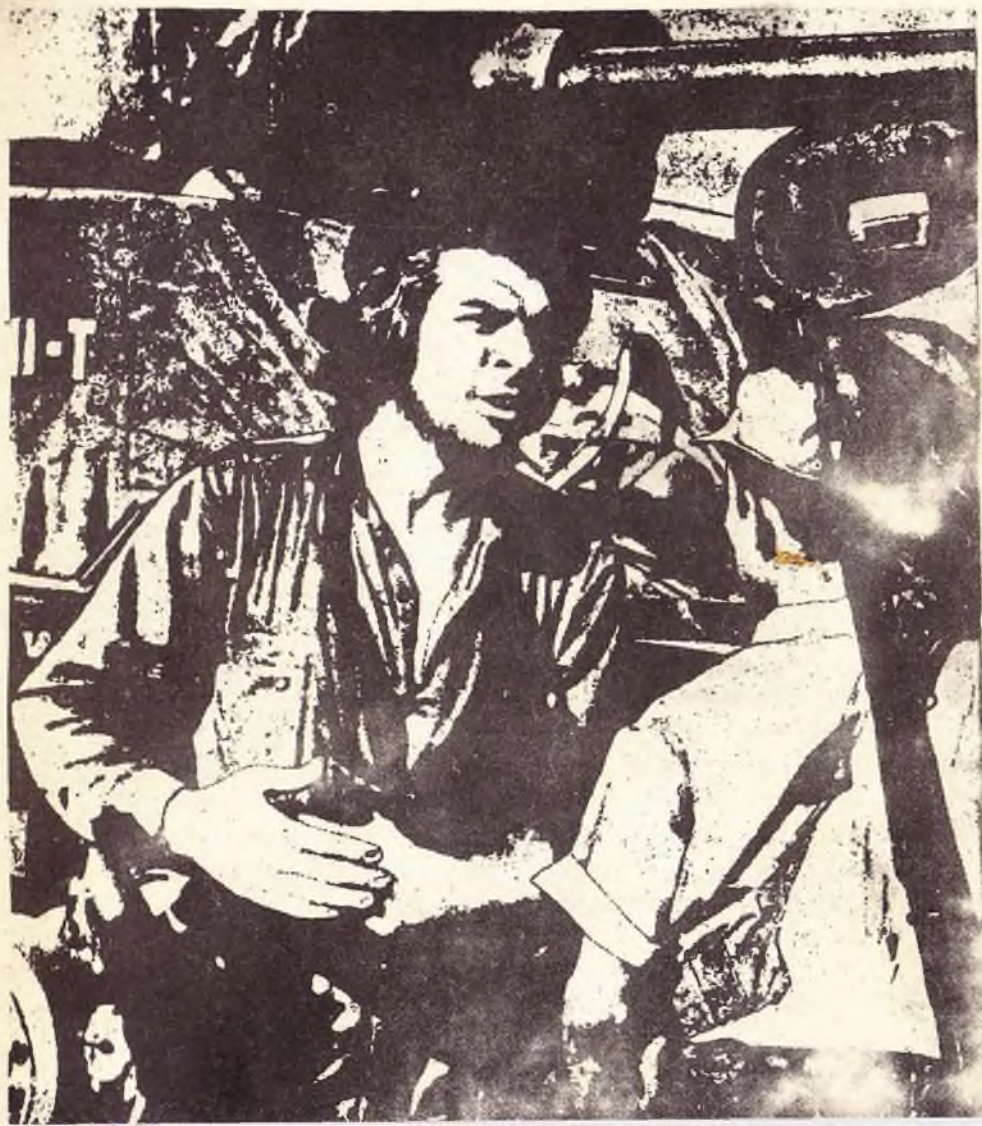


CSAL

CASA DE SOLIDARIEDADE COM A AMERICA LATINA

MENSAGEM A TRICONTINENTAL



MENSAGEM A TRICONTINENTAL

(Maio de 1967)

Esta é a hora dos fornos e só se há-de ver a luz.

JOSE MARTÍ

Já vinte e um anos se passaram desde o fim da última conflagração mundial e diversas publicações, em muitos idiomas, celebram o acontecimento simbolizado na derrota do Japão. Há um clima de aparente optimismo em muitos sectores dos diferentes campos em que o mundo se divide.

Vinte e um anos sem guerra mundial, nestes tempos de confrontações máximas, de choques violentos e mudanças repentinas, parecem um número muito elevado. Mas, sem analisar os resultados práticos dessa paz pela qual todos nos mostramos dispostos a lutar (a miséria, a degradação, a exploração cada vez maior de enormes sectores do mundo), é lícito perguntar se ela é real.

Não é intenção destas notas historiar os diversos conflitos de carácter local que se sucederam desde a rendi-

ção do Japão; também não é tarefa nossa fazer o inventário, numeroso e crescente, de lutas civis ocorridas nestes anos de pretensa paz. Basta-nos dar como exemplos, contra o desmedido optimismo, as guerras da Coreia e do Vietname.

Na primeira, após anos de luta feroz, a parte norte do país ficou submersa na mais terrível devastação que figura nos anais da guerra moderna; crivada de bombas; sem fábricas, escolas ou hospitais; sem nenhum tipo de habitação para albergar dez milhões de habitantes.

Nesta guerra intervieram, sob a falsa bandeira das Nações Unidas, dezenas de países militarmente comandados pelos Estados Unidos, com a participação massiva de soldados dessa nacionalidade e o uso, como carne para canhão, da população sul-coreana alistada.

Na outra facção, o exército e o povo da Coreia e os voluntários da República Popular da China contaram com o abastecimento e assistência do aparelho militar soviético. Por parte dos norte-americanos, fez-se toda a espécie de experiências de armas de destruição, excluindo as termonucleares mas incluindo as bacteriológicas e as químicas, em escala limitada. No Vietname, têm-se sucedido as acções bélicas, sustentadas pelas forças patrióticas desse país, quase ininterruptamente, contra três potências imperialistas: Japão, cujo poderio sofrera uma queda vertical a partir das bombas de Hiroshima e Nagasaki; França, que recupera desse país vencido as suas colónias indochinesas ignorando as promessas feitas em momentos difíceis; e os Estados Unidos, nesta última fase da contenda.

Houve confrontações limitadas em todos os continentes, mesmo quando no americano, durante muito tempo, apenas se produziram tentativas de luta e revoltas de

quartel, até que a Revolução Cubana lançou o seu grito de alerta sobre a importância desta região, e atraiu as iras imperialistas, obrigando-a à defesa das suas costas em Playa Girón, primeiro, e durante a Crise de Outubro, depois.

Este último incidente podia ter provocado uma guerra de proporções incalculáveis, ao produzir-se, em torno de Cuba, o choque de norte-americanos e soviéticos.

Mas, evidentemente, o foco das contradições, neste momento, está radicado nos territórios da península indochinesa e países limítrofes. O Laos e o Vietname são sacudidos por guerras civis, que deixam de o ser ao tornar-se presente, com todo o seu poderio, o imperialismo norte-americano, convertendo-se toda a zona numa perigosa espoleta prestes a detonar.

No Vietname, a confrontação assumiu características de uma agudeza extrema. Também não é nossa intenção historiar esta guerra. Assinalaremos apenas, de memória, alguns marcos.

Em 1954, depois da derrota aniquiladora de Dien Bien Phu, assinaram-se os acordos de Genebra, que dividiam o país em duas zonas e estipulavam a realização de eleições, num prazo de dezoito meses, para determinar quem devia governar o Vietname e como se reunificaria o país. Os norte-americanos não assinaram o dito documento, dando início às manobras para substituir o Imperador Bao Dai, fante francês, por um homem adequado às suas intenções. Este acabou por ser Ngo Din Diem — cujo fim trágico — o de laranja espremida pelo imperialismo — é conhecido de todos.

Nos meses que se seguiram à assinatura do acordo, reinou o optimismo no campo das forças populares. Desmantelaram-se redutos de luta antifrancesa no Sul do

país e esperou-se o cumprimento do pactuado. Mas depressa os patriotas compreenderam que não haveria eleições, a menos que os Estados Unidos se sentissem capazes de impor a sua vontade nas urnas, coisa que não podia acontecer, ainda que utilizando todos os métodos de fraude seus conhecidos.

Iniciaram-se novamente as lutas no Sul do país e foram adquirindo maior intensidade até chegarem ao momento actual, em que o exército norte-americano é composto por quase meio milhão de invasores, enquanto as forças fantoches diminuem o seu número, e, sobretudo, perderam totalmente a combatividade.

Há cerca de dois anos que os norte-americanos começaram o bombardeamento sistemático da República Democrática do Vietname, em mais uma tentativa de refrear a combatividade do Sul e obrigar a uma conferência a partir de posições de força. A princípio, os bombardeamentos foram mais ou menos desligados e revestiam-se da máscara de represálias por supostas provocações do Norte. Depois, aumentaram de intensidade e método, até se converterem numa gigantesca batida levada a cabo pelas unidades aéreas dos Estados Unidos, dia a dia, com o propósito de destruir todo o vestígio de civilização na zona norte do país. É um episódio da tristemente célebre escalada.

As aspirações materiais do mundo ianque cumpriram-se em grande parte, apesar da intrépida defesa das unidades anti-aéreas vietnamitas, de mais de 1700 aviões derrubados e da ajuda do campo socialista em material de guerra.

Há uma penosa realidade: o Vietname, essa nação que representa as aspirações, as esperanças de vitória de todo um mundo desprezado, está tragicamente só. Esse povo tem

de suportar os embates da técnica norte-americana, quase impunemente no Sul, com algumas possibilidades de defesa no Norte, mas sempre só.

A solidariedade do mundo progressista para com o povo vietnamita é semelhante à amarga ironia que significava para os gladiadores do circo romano o estímulo da plebe. Não se trata de desejar êxitos ao agredido, mas sim de sofrer a sua própria sorte; acompanhá-lo até à morte ou até à vitória.

Quando analisamos a sociedade vietnamita assalta-nos a angústia deste momento ilógico da humanidade.

O imperialismo norte-americano é culpado de agressão; os seus crimes são imensos e repartidos por todo o globo. Já o sabemos, meus senhores! Mas também são culpados os que, no momento de se definirem, vacilaram em fazer do Vietname parte inviolável do território socialista, correndo os riscos de uma guerra de alcance mundial, mas também obrigando os imperialistas norte-americanos a uma decisão. E são culpados os que mantêm uma guerra de insultos e ardis, iniciada, há já algum tempo, pelos representantes das duas maiores potências do campo socialista.

Perguntemos, para conseguir uma resposta honesta: está ou não isolado o Vietname, fazendo equilíbrios perigosos entre duas potências que brigam? E que grandeza a desse povo! Que estoicismo e valor, o desse povo! E que lição para o mundo encerra essa luta.

Passará muito tempo antes de sabermos se o presidente Johnson pensava a sério iniciar algumas das reformas necessárias a um povo—para limar arestas das contradições de classe que aparecem com força explosiva e cada vez mais frequentemente. O certo é que as melhorias anun-

ciadas, sob o pomposo título de luta pela grande sociedade, caíram no sorvedouro do Vietname.

O maior dos poderes imperialistas sente nas suas entranhas a sangria provocada por um país pobre e atrasado, e a sua economia fabulosa ressen-te-se do esforço da guerra. Matar deixa de ser o mais cómodo negócio dos monopólios. Armas de contenção, e em número insuficiente, é tudo o que têm estes soldados espantosos, além do amor à sua pátria, à sua sociedade e um valor a toda a prova. Mas o imperialismo afunda-se no Vietname, não encontra o caminho de saída e desesperadamente procura algum que lhe permita livrar-se com dignidade deste perigoso transe em que se vê. Mas os «quatro Pontos» do Norte e os «cinco» do Sul atezam-no, tornando ainda mais decidido o confronto.

Tudo parece indicar que a paz, essa paz precária a que se deu esse nome, só porque não se deu nenhuma conflagração de carácter mundial, está outra vez em perigo de ruptura, perante qualquer passo irreversível, e inaceitável, dado pelos norte-americanos. E, a nós, explorados do mundo, qual é o papel que nos cabe? Os povos de três continentes observam e aprendem a sua lição no Vietname. Uma vez que, com a ameaça de guerra, os imperialistas exercem a sua chantagem sobre a humanidade, não temer a guerra é a resposta justa. Atacar dura e ininterruptamente em cada ponto de confronto, deve ser a tática geral dos povos.

Mas, nos lugares onde esta mísera paz que sofremos não tenha sido rompida, qual será a nossa tarefa? Libertarmo-nos a todo o custo.

O panorama do mundo mostra uma grande complexidade. A tarefa da libertação espera mesmo os países da velha Europa, suficientemente desenvolvidos para ser

tirem todas as contradições do capitalismo, mas tão débeis que já não podem seguir o rumo do imperialismo ou iniciar essa rota. Lá, as contradições alcançarão carácter explosivo nos próximos anos, mas os seus problemas e, por conseguinte, a solução dos mesmos, são diferentes das dos nossos povos dependentes e economicamente atrasados.

O campo fundamental da exploração pelo imperialismo envolve os três continentes atrasados — América, Ásia e África. Cada país tem características próprias, mas os continentes, no seu conjunto, também as apresentam.

A América constitui um conjunto mais ou menos homogéneo e, na quase totalidade do seu território, os capitais monopolistas norte-americanos mantêm uma supremacia absoluta. Os governos fantoches ou, no melhor dos casos, débeis e medrosos, não podem opor-se às ordens do senhor ianque. Os norte-americanos chegaram quase ao auge do seu domínio político e económico, pouco mais poderão já avançar; qualquer mudança da situação poderia converter-se num retrocesso da sua supremacia. A sua política é manter o que conquistaram. A linha de acção reduz-se, no momento actual, ao uso brutal da força para impedir movimentos de libertação, sejam de que tipo forem.

Sob o *slogan* de «não permitiremos outra Cuba», encobre-se a possibilidade de agredir impunemente (tal como sucedeu contra S. Domingos ou, anteriormente, o massacre do Panamá) e a clara advertência de que as tropas ianques estão dispostas a intervir em qualquer ponto da América onde a ordem estabelecida seja alterada, pondo em perigo os seus interesses. Essa política conta com uma impunidade quase absoluta; a O. E. A. é a única máscara cómoda, por muito desprestigiada que esteja; a O. N. U. é de uma ineficácia que raia o ridículo ou o trágico; os exércitos de todos os países da América estão prontos a

intervir para esmagar os seus povos. Formou-se, de facto, a internacional do crime e da traição.

Por outro lado, as burguesias autóctones perderam toda a sua capacidade de oposição ao imperialismo — se é que alguma vez a tiveram — e mais não são que o seu carro-vassoura. Não há mais mudanças a fazer; ou revolução socialista ou caricatura de revolução.

A Ásia é um continente de características diferentes. As lutas de libertação contra uma série de poderes coloniais europeus tiveram como resultado o estabelecimento de governos mais ou menos progressistas, cuja evolução posterior tem sido, nalguns casos, de aprofundamento dos objectivos primários da libertação nacional, e noutros de regresso a posições pró-imperialistas.

Do ponto de vista económico, os Estados Unidos tinham, na Ásia, pouco a perder e muito a ganhar. As mudanças favorecem-no; luta-se por deslocar outros poderes neo-coloniais, penetrar novas esferas de acção no campo económico, umas vezes directamente, e outras utilizando o Japão.

Mas existem condições políticas especiais, sobretudo na península indochinesa, que dão à Ásia características de capital importância e que desempenham um papel importante na estratégia militar global do imperialismo norte-americano. Este faz um cerco à China através da Coreia do Sul, Japão, Taiwan, Vietname do Sul e Tailândia, pelo menos.

Esta a dupla situação: um interesse estratégico tão importante como o cerco militar à República Popular da China e a ambição dos seus capitais de penetrarem nesses grandes mercados que ainda não dominam, fazem com que a Ásia seja um dos lugares mais explosivos do mundo actual, apesar da aparente estabilidade fora da área viet-

namita. Pertencendo geograficamente a este continente, mas com as suas próprias contradições, o Médio Oriente está em plena ebulição, sem que se possa prever até onde chegará essa guerra fria entre Israel, apoiada pelos imperialistas, e os países progressistas da zona. É outro dos vulcões que ameaçam o mundo.

A África oferece as características de ser um campo quase virgem para a invasão neo-colonial. Têm-se produzido mudanças que, em certa medida, obrigaram os poderes neo-coloniais a ceder as suas antigas prerrogativas de carácter absoluto. Mas, quando os processos se levam a cabo sem interrupção, sem violência, sucede ao colonialismo um neo-colonialismo de iguais efeitos, no que se refere à dominação económica.

Os Estados Unidos não tinham colónias nesta região e lutam agora por penetrar nas antigas coutadas privadas dos seus sócios. Pode-se afirmar que a África constitui, nos planos estratégicos do imperialismo norte-americano, o seu reservatório a longo prazo. Os seus actuais investimentos apenas têm importância na União Sul-Africana e começa a sua penetração no Congo, Nigéria e outros países, onde se inicia uma violenta concorrência (até agora de carácter pacífico) com outros poderes imperialistas.

Todavia, não tem grandes interesses a defender, salvo o seu pretenso direito de intervir em cada lugar do globo onde os seus monopólios farejem bons lucros ou a existência de grandes reservas de matérias-primas.

Todos estes antecedentes tornam lícito levantar a questão sobre as possibilidades de libertação dos povos a curto ou a médio prazo.

Se analisarmos a África veremos que se luta com alguma intensidade nas colónias portuguesas da Guiné, Moçambique e Angola, com particular êxito na primeira e com

êxito variável nas duas restantes. Contudo, assiste-se à luta entre os sucessores de Lumumbra e os velhos cúmplices de Tschombé no Congo, luta que, no momento actual, parece inclinar-se a favor dos últimos, os que «pacificaram» em seu próprio proveito uma grande parte do país, ainda que a guerra se mantenha latente.

Na Rodésia, o problema é diferente: o imperialismo britânico utilizou todos os mecanismos ao seu alcance para entregar o poder à minoria branca que actualmente o detém. O conflito, do ponto de vista da Inglaterra, é absolutamente anti-oficial, só que esta potência, com a sua habitual habilidade diplomática — também chamada, em linguagem corrente, hipocrisia — apresenta uma fachada desgostosa perante as medidas tomadas pelo governo de Ian Smith, e é apoiada, na sua atitude velhaca, por alguns dos países da Commonwealth que a seguem, e atacada por uma boa parte dos países da África Negra, sejam ou não dóceis vassallos económicos do imperialismo inglês.

Na Rodésia, a situação pode tornar-se altamente explosiva se os esforços dos patriotas negros cristalizarem para se levantarem em armas, e este movimento for efectivamente apoiado pelas nações africanas vizinhas. Mas, por agora, todos os problemas se ventilam em organismos tão inócuos como a O. N. U., a Commonwealth e a O. U. A.

Não obstante, a evolução política e social da África não faz prever uma situação revolucionária continental. As lutas de libertação contra os portugueses devem terminar vitoriosamente, mas Portugal nada significa na nomenclatura imperialista. Os confrontos de importância revolucionária são os que põem em xeque todo o aparelho imperialista, mas, mesmo assim, não devemos deixar de lutar pela libertação das três colónias portuguesas e pelo aprofundamento das suas revoluções.

Quando as massas negras da África do Sul ou da Rodésia iniciarem a sua autêntica luta revolucionária, ter-se-á dado início a uma nova época em África. Ou, quando as massas empobrecidas de um país se lançarem ao resgate do seu direito a uma vida digna, das mãos das oligarquias governantes.

Até agora sucedem-se os golpes de quartel, em que um grupo de oficiais se substitui a outro, ou a um governante que já não serve os seus interesses de casta e os das potências que, à socapa, os manejam, mas não há convulsões populares. No Congo, estas características apareceram de um modo fugaz, impulsionadas pela lembrança de Lumumba, mas foram perdendo força nos últimos meses.

Na Ásia, como vimos, a situação é explosiva, e não são apenas o Vietname e o Laos, onde se luta, os pontos de atrito. Também o é o Cambodja (onde, a qualquer momento, se pode iniciar a agressão directa norte-americana), a Tailândia, a Malásia e, por certo, a Indonésia, onde não podemos pensar que se tenha dito a última palavra, apesar do aniquilamento do Partido Comunista desse país, quando os reaccionários ocuparam o poder. E, por certo, o Médio Oriente.

Na América Latina, luta-se de armas na mão; na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, e aparecem já os primeiros indícios no Brasil. Há outros focos de resistência que aparecem e se extinguem. Mas quase todos os países deste continente estão amadurecidos para uma luta de um tipo tal que, para sair triunfante, só se pode conformar com a instauração de um governo de modelo socialista.

Neste continente fala-se praticamente uma língua, salvo o caso excepcional do Brasil, com cujo povo os de fala

espanhola se podem entender, dada a semelhança dos dois idiomas. Há uma identidade tão grande entre as classes destes países que conseguem uma identificação de tipo «internacional americano», muito mais completa que noutros continentes. Unem-nos a língua, os costumes, a religião, o senhor comum. O grau e as formas de exploração são semelhantes, nos seus efeitos, para exploradores e explorados de uma boa parte dos países da nossa América. E nela a rebelião está a amadurecer aceleradamente.

Podemos perguntar-nos: como frutificará esta rebelião? De que tipo será? Temos sustentado, desde há algum tempo, que, dadas as suas características semelhantes, a luta na América assumirá, a seu tempo, dimensões continentais. Será cenário de muitas e grandes batalhas travadas pela humanidade para a sua libertação.

No âmbito dessa luta de alcance continental, as que actualmente se mantêm de forma activa são apenas episódios, mas deram já os mártires que figurarão na história americana, como que a entregar a sua gota de sangue, necessária nesta última etapa da luta pela liberdade plena do homem. Lá figurarão os nomes do Comandante Turcios Lima, do padre Camilo Torres, do Comandante Fabricio Ojeda, dos Comandantes Lobatón e Luis de la Puente Uceda, figuras destacadas nos movimentos revolucionários da Guatemala, Colômbia, Venezuela e Peru.

Mas a mobilização activa do povo cria os seus novos dirigentes; César Montés e Yon Sosa levantam a bandeira na Guatemala; Fabio Vásquez e Marulanda fazem-no na Colômbia; Douglas Bravo no ocidente do país, e Américo Martín em El Bachiller, dirigem as suas frentes respectivas na Venezuela.

Novos embriões de guerra surgirão neste e noutros países americanos, como já aconteceu na Bolívia, e irão

crescendo, com todas as vicissitudes que encerra o perigoso officio de revolucionário moderno. Muitos morrerão vítimas dos seus erros, outros cairão durante o duro combate que se avizinha; novos lutadores e novos dirigentes surgirão no calor da luta revolucionária. O povo irá formando os seus combatentes e os seus chefes no padrão selectivo da própria guerra, e aumentarão os agentes ianques de repressão. Hoje há conselheiros ianques em todos os países onde a luta armada se mantém, e o exército peruano, também aconselhado e treinado pelos ianques, realizou com êxito, segundo parece, uma batida contra os revolucionários desse país. Mas se os focos de guerra são dirigidos com sufficiente destreza política e militar, tornar-se-ão praticamente imbatíveis e obrigarão os ianques a novos envios. No próprio Peru, com tenacidade e firmeza, novas figuras ainda não completamente conhecidas reorganizam a luta guerrilheira. Pouco a pouco, as armas obsoletas que bastam para a repressão dos pequenos grupos armados, ir-se-ão convertendo em armas modernas, e os grupos de conselheiros ianques transformar-se-ão em combatentes norte-americanos, até que, num dado momento, se vejam obrigados a enviar quantidades cada vez maiores de tropas regulares para assegurarem a relativa estabilidade de um poder, cujo exército nacional fantoche se desintegra perante os combates de guerrilhas. É o caminho do Vietname; é o caminho que os povos devem seguir; é o caminho que a América seguirá, com a característica especial de que os grupos armados saberão formar qualquer coisa como Juntas de Coordenação para tornar mais difficil o projecto de repressão do imperialismo ianque e defender a sua causa.

A América, continente esquecido pelas últimas lutas políticas de libertação, que começa a fazer-se sentir atra-

vés da Tricontinental pela voz de vanguarda dos seus povos, que é a Revolução Cubana, terá uma tarefa de muito maior relevo: a da criação do segundo ou terceiro Vietname ou do segundo e terceiro Vietname do mundo.

Há que ter em conta, definitivamente, que o imperialismo é um sistema mundial, a última etapa do capitalismo, e há que batê-lo numa grande confrontação mundial. A finalidade estratégica dessa luta deve ser a destruição do imperialismo. A participação que nos cabe a nós, os explorados e atrasados do mundo, é a de eliminar as bases de sustentação do imperialismo: os nossos povos oprimidos, de onde sugam capitais, matérias-primas, técnicos e mão-de-obra barata e para onde exportam novos capitais — instrumentos de domínio —, armas e toda a espécie de artigos, submetendo-nos a uma dependência absoluta.

O elemento fundamental dessa finalidade estratégica será, então, a libertação real dos povos; libertação que se produzirá através da luta armada, na maioria dos casos, e que terá, na América, quase infalivelmente, a propriedade de se converter numa revolução socialista.

Ao focar a destruição do imperialismo, há que identificar a sua cabeça, que outra coisa não é senão os Estados Unidos da América do Norte.

Devemos realizar uma tarefa de tipo geral que tenha como finalidade táctica tirar o inimigo do seu ambiente, obrigando-o a lutar em lugares onde os seus hábitos de vida choquem com a realidade dominante. Não se deve desprezar o adversário; o soldado norte-americano tem capacidade técnica e está apoiado por meios de tal grandeza que o tornam temido. Falta-lhe essencialmente a motivação ideológica que têm, em grau elevadíssimo, os seus mais fervorosos rivais de hoje: os soldados vietnamitas. Só conseguiremos vencer esse exército na medida

em que conseguirmos minar o seu moral. E este mina-se infligindo-lhe derrotas e ocasionando-lhe repetidos sofrimentos.

Mas este pequeno esquema de vitórias encerra em si imensos sacrificios dos povos, sacrificios que se devem exigir a partir de hoje, à luz do dia, e que talvez sejam menos dolorosos do que aqueles que teríamos de suportar se evitássemos constantemente o combate, à espera de que sejam outros que nos venham tirar as castanhas do fogo.

Claro que, muito provavelmente, o último país a libertar-se fá-lo-á sem luta armada; e evitar-se-á a esse povo os sofrimentos de uma tão grande e cruel guerra como a que os imperialistas fazem.

Mas talvez seja impossível evitar essa luta ou os seus efeitos, numa contenda de carácter mundial e se sofra tanto ou mais ainda. Não podemos predizer o futuro, mas nunca devemos ceder à tentação claudicante de ser os porta-bandeiras de um povo que anseia pela sua liberdade mas renega a luta que esta comporta e a espera como uma migalha de vitória.

É absolutamente justo evitar todo o sacrificio inútil. Por isso é tão importante o esclarecimento das possibilidades efectivas que tem a América dependente de se libertar de forma pacífica. Para nós é clara a solução desta interrogação; o momento actual poderá ser ou não o indicado para iniciar a luta, mas não podemos iludir-nos, nem temos direito a isso, de conseguir a liberdade sem combate. E os combates não serão meras lutas de rua, de pedras contra gases lacrimogéneos, nem de greves gerais pacíficas; nem será a luta de um povo enfurecido que destrua em dois ou três dias o edificio repressivo das oligarquias governantes; será uma longa luta, sangrenta, em

que a sua frente estará nos refúgios guerrilheiros, nas cidades, nas casas dos combatentes — em que a repressão irá procurando vítimas fáceis entre os seus familiares —, na população camponesa massacrada, nas aldeias ou cidades destruídas pelo bombardeamento inimigo.

Empurram-nos para essa luta; não há outro remédio senão prepará-la e decidir começá-la.

O começo não será fácil; será extraordinariamente difícil. Toda a capacidade de repressão, toda a capacidade de brutalidade e demagogia das oligarquias pôr-se-á ao serviço da sua causa. A nossa missão, na primeira hora, é sobreviver; depois, actuará o exemplo contínuo da guerrilha, realizando a propaganda armada na acepção vietnamita da frase, ou seja, a propaganda dos tiros, dos combates que se ganham ou se perdem, mas se travam contra os inimigos. O grande ensinamento da invencibilidade da guerrilha que se liga às massas dos usurpados, a galvanização do espírito nacional, a preparação para tarefas mais duras, para resistir a repressões mais violentas. O ódio como factor de luta; o ódio intransigente ao inimigo, que impulsiona para além das limitações naturais do ser humano e o converte numa efectiva, violenta, selectiva e fria máquina de matar. Os nossos soldados têm de ser assim; um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal.

Há que levar a guerra até onde o inimigo a leve: à sua casa, aos seus lugares de diversão; torná-la total. Há que impedi-lo de ter um minuto de tranquilidade, de ter um minuto de sossego fora dos seus quartéis, e mesmo dentro deles: atacá-lo onde quer que se encontre; fazê-lo sentir-se uma fera acossada onde quer que esteja. Então o seu moral irá decaindo. Tornar-se-á contudo mais bestial, mas notar-se-ão os sinais da decadência que espreita.

Que se desenvolva um verdadeira internacionalismo proletário; com exércitos proletários internacionais, em que a bandeira sob a qual se lute seja a causa sagrada da redenção da humanidade, de tal modo que morrer sob as bandeiras do Vietname, da Venezuela, da Guatemala, do Laos, da Guiné, da Colômbia, da Bolívia, do Brasil, para citar apenas os actuais cenários da luta armada, seja igualmente glorioso e desejável para um americano, um asiático, um africano e, mesmo, um europeu.

Cada gota de sangue derramada num território sob cuja bandeira não se nasceu, é uma experiência que, quem sobrevive, colhe para a aplicar mais tarde na luta pela libertação do seu lugar de origem. E cada povo que se liberte, é uma fase da batalha pela libertação do nosso próprio povo que se ganhou.

É a hora de conciliar as nossas discrepâncias e pôr tudo ao serviço da luta.

Que grandes controvérsias agitam o mundo que luta pela liberdade, todos o sabemos e não o podemos esconder.

Que adquiram um carácter e uma agudeza tais que parece bastante difícil, se não impossível, o diálogo e a conciliação, também o sabemos. Procurar métodos para iniciar um diálogo que os adversários evitam, é uma tarefa inútil. Mas o inimigo está lá, ataca todos os dias e ameaça com novos ataques; e esses ataques unir-nos-ão hoje, amanhã ou depois. Quem antes o perceba e se prepare para essa união necessária, terá o reconhecimento dos povos.

Dadas as virulências e intransigências com que se defende cada causa, nós, os usurpados, não podemos tomar partido por uma ou por outra forma de manifestar as discrepâncias, mesmo quando, por vezes, concordamos com algumas propostas de uma ou outra parte, ou mais com

as de uma parte do que com os da outra. No momento da luta, a forma como se tornam visíveis as actuais diferenças constitui uma debilidade; mas no estado em que se encontram, querer ajustá-las através de palavras é uma ilusão. A história fá-las-á desaparecer ou dar-lhes-á a sua verdadeira explicação.

No nosso mundo em luta, tudo o que seja discrepância relativa a tática, método de acção para a consecução de objectivos limitados, deve analisar-se com o respeito que merecem as apreciações alheias. Quanto ao grande objectivo estratégico, a destruição total do imperialismo por meio da luta, devemos ser intransigentes.

Assim, sintetizemos as nossas aspirações de vitória: destruição do imperialismo através da eliminação do seu baluarte mais forte: o domínio imperialista dos Estados Unidos da América do Norte. Tomar como função tática a libertação gradual dos povos, um a um ou por grupos, levando o inimigo a uma luta difícil fora do seu terreno; liquidando as suas bases de sustentação, que são os seus territórios dependentes.

Isto significa uma demorada guerra. E, repetimo-lo uma vez mais, uma guerra cruel. Que ninguém se engane quando a quiser iniciar e que ninguém vacile em iniciá-la com medo dos resultados que possa trazer ao seu povo. É quase a única esperança de vitória.

Não podemos ignorar o apelo da hora. O Vietname assim o demonstra com a sua permanente lição de heroísmo, a sua trágica e quotidiana lição de luta e de morte para conseguir a vitória final.

Lá, os soldados do imperialismo encontram o desconforto de quem, acostumado ao nível de vida ostentado pela nação norte-americana, tem de se enfrentar com a terra hostil; a insegurança de quem não se pode mover

sem sentir que pisa território inimigo; a morte dos que saem para fora dos seus redutos fortificados; a hostilidade permanente de toda a população. Tudo isso vai tendo repercussões no interior dos Estados Unidos; vai fazendo surgir um factor, atenuado pelo imperialismo em plena forma: a luta de classes mesmo dentro do seu próprio território.

Como poderíamos olhar o futuro, luminoso e próximo, se dois, três, muitos Vietnamês nascessem à superfície do globo, com a sua quota de morte e as suas enormes tragédias, com o seu heroísmo quotidiano, com os seus ataques repetidos ao imperialismo, com a obrigação que ele tem de dispersar as suas forças, sob o embate do ódio cada vez maior dos povos do mundo!

E se todos fôssemos capazes de nos unir, para que os nossos ataques fossem mais firmes e certos, para que todo o tipo de ajuda aos povos em luta fosse ainda mais efectiva, como seria grande e próximo o futuro!

Nós, os que num pequeno ponto do mapa do mundo cumprimos o dever que preconizamos e temos à disposição da luta este pouco que nos é permitido dar — as nossas vidas, o nosso sacrificio — cabe-nos, um dia destes, exalar o último suspiro em qualquer terra, já nossa, regada com o nosso sangue; note-se que medimos o alcance dos nossos actos e que não nos consideramos mais do que elementos no grande exército do proletariado, mas sentimo-nos orgulhosos por termos aprendido da Revolução Cubana e do seu dirigente máximo a grande lição que emana da sua atitude nesta parte do mundo: «que importam os perigos ou sacrificios de um homem ou de um povo, quando está em jogo o destino da humanidade!».

Toda a nossa acção é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra

o grande inimigo da espécie humana: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar que a morte nos surpreenda, benvinda seja, sempre que o nosso grito de guerra tenha chegado a um ouvido receptivo, e outra mão se estenda para empunhar as nossas armas, e outros homens se disponham a entoar os cantos de luto com o matraquear de metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória.

"NE UM HOMEM COMO ELE NESTES TEMPOS LE-
VOU AO NIVEL MAIS ALTO O ESPIRITO INTERNACIONA-
LISTA PROLETARIO. E QUANDO SE PROCURA UM EXEM-
PLO DE INTERNACIONALISMO PROLETARIO, ACIMA DE
QUALQUER OUTRO, E O EXEMPLO DE CHE. EM SUA
MENTE E SEU CORAÇÃO DESAPARECERAM AS BANDEI-
RAS, OS PRECOCEITOS, OS CHAUVINISMOS, OS EGO-
ISMOS, E ESTAVA SEMPRE DISPOSTO A VERTER SEU
SANGUE GENEROSO PELA SORTE DE QUALQUER POVO,
PELA CAUSA DE QUALQUER POVO E DISPOSTO A VER-
TE-LO ESPONTANEAMENTE, E DISPOSTO A VERTE-LO
INSTANTANEAMENTE"

FIDEL CASTRO